



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDO SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

SAMIA CRISTINA DOS SANTOS GLORIA

***TEMA: OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA VISÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA***

PARINTINS-AM
2021

SAMIA CRISTINA DOS SANTOS GLORIA

***OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA VISÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA***

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Estudo Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como requisito final para conclusão do Curso, sob a orientação da Profa. Dra. Carmen Jacaúna

PARINTINS - AM

2021

Aprovado em:/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Orientadora).

Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Examinador Interno).

Universidade do Estado do Amazonas – UEA (Examinador Interno).

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, pois sem ele eu não teria capacidade para concluir o meu curso, há meus pais Pedro Gloria e Maizete Gloria que sempre me incentivaram a estudar, a minha família meu esposo Adriano Viana que sempre foi meu apoio em todos os momentos que precisei, a minha filha Isabella Souza que é meu motivo de viver todos os dias, a minha enteada Alanna Souza pelo apoio dedicado, aos meus sogros Jose Viana e Raimunda Viana(In Memoriam) que sempre me ajudaram no que precisava, a todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente nessa longa e árdua caminhada minha eterna gratidão.

RESUMO

Diante do cenário que se instaurou desde os primeiros dias de 2020 até os dias de hoje, onde o mundo foi assolado pela pandemia do COVID -19, ocasionando a paralisação das atividades diárias, inclusive das escolas. Tornou-se necessário discutirmos os propósitos da educação mediada pelo ensino remoto, as alternativas adotadas para continuar com os trabalhos escolares. Este trabalho tem como objetivo compreender a eficácia do ensino remoto e das estratégias metodológicas adotadas pelos Professores de Geografia do Ensino Médio em escolas estaduais na cidade de Parintins – AM. no período da pandemia da Covid 19. Procurou-se saber quais as práticas metodológicas adotadas pelas escolas e professores e ainda as dificuldades que alunos e professores enfrentaram ao longo desse período, enfatizando ainda a importância da educação geográfica neste modelo de ensino. Para tanto, a discussão aqui proposta partiu da leitura bibliográfica e das experiências pessoais de uma acadêmica em processo de formação e que vivenciou o ensino remoto durante o período de pandemia. Os resultados demonstram que as dificuldades enfrentadas pelos professores no que tange as aulas de geografia por meio do ensino remoto foram muitas e se agravaram em virtude da qualidade do serviço de internet oferecido na cidade, inexistência de um espaço físico nas residências que ofereça condições de estudo, acesso a equipamentos eletrônicos necessário para as aulas, as longas jornadas de trabalho para preparar as aulas bem como a falta de motivação dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino remoto, Ensino de Geografia, COVID -19.

ABSTRACT

Given the scenario that has been in place since the early days of 2020 until today, where the world has been ravaged by the pandemic of COVID-19, causing the paralysis of daily activities, including schools. It became necessary to discuss the purposes of education mediated by remote learning, the alternatives adopted to continue with school work. This paper aims to understand the effectiveness of remote teaching and the methodological strategies adopted by Geography High School Teachers in state schools in the city of Parintins - AM. in the period of the Covid 19 pandemic. We sought to know what methodological practices were adopted by schools and teachers and also the difficulties that students and teachers faced during this period, emphasizing the importance of geographic education in this model of teaching. To this end, the discussion proposed here was based on bibliographic reading and on the personal experiences of a graduate student who experienced remote teaching during the pandemic period. The results show that the difficulties faced by teachers regarding geography classes through remote teaching were many and worsened due to the quality of the internet service offered in the city, the lack of a physical space in the homes that could offer study conditions, access to electronic equipment needed for the classes, the long working hours to prepare the classes and the lack of motivation of the students.

Word – Key: Remote Education, Teaching Geography, COVID-19

FIGURAS

<i>Figura 1</i>	<i>p.25</i>
<i>Figura 2</i>	<i>p.26</i>
<i>Figura 3</i>	<i>p.27</i>
<i>Figura 4</i>	<i>p.28</i>
<i>Figura 5</i>	<i>p.29</i>
<i>Figura 6</i>	<i>p.31</i>
<i>Figura 7</i>	<i>p.32</i>
<i>Figura 8</i>	<i>p.33</i>

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A PANDEMIA DO COVID 19.....	10
2.1. A pandemia e seu lado positivo	12
2.2. A suspensão das atividades escolares e medidas tomadas em prol do ensino.....	13
2.3. Ensino Remoto como alternativa de desenvolvimento do trabalho escolar	14
2.4. Os entraves enfrentados por professores, pais e estudantes.	18
2.5. O Ensino Remoto x Ensino de Geografia.....	20
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
4. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA VISÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA.....	25
5. CONCLUSÃO.....	34
6. REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

A forma como o contexto da pandemia afetou as diversas áreas da sociedade, em especial o cotidiano escolar reafirmou alguns questionamentos acerca da função social da escola e dos conhecimentos ali produzidos, pois entendemos que a escola é um espaço além das várias outras funções de produção de conhecimento. Essas mudanças no cotidiano escolar nos últimos meses trouxeram novos desafios ao processo de ensino-aprendizagem, desafios antes já questionados, tais como o que ensinar e como ensinar. Dessa forma, o atual contexto evidencia algumas dificuldades já enfrentadas pela escola, pelas disciplinas em geral e também no ensino de Geografia.

Este trabalho se propõe a compreender a eficácia do ensino remoto e das estratégias metodológicas adotadas pelos Professores de Geografia do Ensino Médio em escolas estaduais de Parintins– AM, como Dom Gino Malvestio, Senador João Bosco, São José Operário, Colégio Nossa Senhora do Carmo, no período da pandemia da Covid 19, bem como as práticas metodológicas adotadas pelas escolas e professores e ainda as dificuldades que alunos e professores enfrentaram ao longo desse período, enfatizando a importância da educação geográfica neste modelo de ensino. Para tanto, a discussão aqui proposta partiu da leitura bibliográfica e das experiências pessoais da autora relacionadas ao ensino remoto durante o período de pandemia.

No atual cenário, em que todo o processo de ensino se dá por meio de tecnologias, nos vem o questionamento, como os professores estão conseguindo lidar com essa realidade? De que forma estes profissionais, muitos formados há vários anos, estão conseguindo atender as novas exigências educacionais? Como acontece, na realidade, o processo de ensino-aprendizagem? Existe aprendizagem?

Para alcançar a compreensão sobre essas questões, a pesquisa qualitativa definiu como abordagem metodológica o estudo de caso e traçou como objetivos específicos: Identificar os desafios enfrentados pelos Professores durante o período da pandemia; Enumerar as dificuldades apontadas pelos discentes da rede estadual de ensino de Parintins; Analisar as estratégias adotadas por escolas e professores de geografia a fim de desenvolver suas aulas e contribuir com a aprendizagem dos estudantes.

Os resultados apontam que com a adoção do ensino remoto, o cotidiano da sala de aula foi alterado e gestores e docentes, alunos e pais tiveram que repensar suas práticas, adequar-se a essa nova forma de ensinar que apesar da dedicação dos professores, vai deixar prejuízos para a aprendizagem dos estudantes, sendo necessário no futuro, um trabalho presencial capaz de minimizar as dificuldades de aprendizagem sofrida por esses estudantes. Identificamos também que os desafios foram muitos mas a pandemia conseguiu mostrar a importância do professor como mediador da aprendizagem, a necessidade de uma proposta de ações educacionais para momentos atípicos, maior investimento a educação e maior participação dos pais na vida estudantil de seus filhos.

2. A PANDEMIA DO COVID 19

Desde o início de 2020, o mundo vive perplexo o surto de uma nova síndrome respiratória aguda grave. O novo coronavírus (COVID-19), foi apresentado pelos veículos midiáticos em dezembro de 2019, teve seu epicentro em Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China e se espalhou para diversos países em todos os continentes. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto de COVID-19 como a sexta emergência de saúde pública de interesse internacional.

Com base em diversos estudos, há a hipótese de que o SARS-CoV-2, possa ter se hospedado inicialmente em morcegos e ter sido transmitido aos seres humanos via um animal chamado pangolim ou outros animais selvagens vendidos no mercado de frutos do mar de Huanan na China. Estudos apontam que sua principal via de transmissão é por meio do contato e gotículas respiratórias que são dispersas no ar em forma de aerossóis.

A partir do isolamento do vírus nos casos iniciais, pesquisadores identificaram a mutação genética em uma proteína de superfície “spike”, que o vírus utiliza para atacar o organismo humano e se multiplicar. Aos poucos, informações sobre seu período de incubação, entre dois e dez dias, e de propagação por meio de gotículas, mãos ou superfícies contaminadas foram descritas na literatura. Imediatamente, os noticiários davam conta do registro do aumento de pessoas infectadas, mortes e alta taxa de contaminação na cidade de Wuhan, onde as primeiras medidas de controle incluíam a suspensão do transporte público, fechamento de locais de entretenimento, proibição de reuniões públicas, higienização de prédios, ruas e restrição domiciliar compulsória a todos os cidadãos.

A propagação dos casos para outras áreas geográficas foi muito acelerada devido à globalização e à falta de conhecimento para adoção de medidas restritivas para os viajantes. Houve muitas perguntas e poucas respostas em um primeiro momento, uma mobilização direta e ativa da OMS no acompanhamento dos casos e na expansão do vírus a todos os continentes, até que por resultados das primeiras pesquisas o quadro foi delineado com transmissão humano-humano da Covid-19.

Nesse cenário, a OMS declarou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020 e instituiu as medidas essenciais para a prevenção e enfrentamento a serem adotadas. Elas incluíam a higienização das mãos com água e sabão sempre que possível e uso de álcool em gel nas situações em que o acesso à água e ao sabão não fosse possível. Também recomendavam evitar tocar olhos, nariz e boca, e proteger as pessoas ao redor ao espirrar ou tossir, com adoção da etiqueta respiratória, pelo uso do cotovelo flexionado ou lenço descartável. Além disso, a

OMS indicou a manutenção da distância social (mínimo de um metro), que se evitassem aglomerações, e a utilização de máscara em caso de quadro gripal ou infecção pela Covid-19, ou se profissional de saúde no atendimento de pacientes suspeitos/infectados.

No Brasil, no dia 3 de fevereiro de 2020, foi declarada, por meio da Portaria nº 188 do Ministério da Saúde, Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, correspondendo a uma classificação de risco em nível 3, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Essa ação teve a finalidade de favorecer que medidas administrativas fossem tomadas com maior agilidade para que o país começasse a se preparar para o enfrentamento da pandemia, apesar de à época não ter ainda nenhum registro de caso confirmado.

O primeiro caso de infecção no Brasil pelo novo coronavírus foi notificado pelo Ministério da Saúde no dia 26 de fevereiro, em São Paulo, e todo país a partir desse momento entrou em alerta. Medidas de higienização das mãos e etiqueta respiratória foram reforçadas.

O envolvimento de toda sociedade para a adoção consciente das medidas de precaução frente a Covid-19 exige uma mudança de comportamento individual e coletivo nesse momento, de forma imediata e rigorosa. Nesse cenário da pandemia, é possível aprender que seu curso e impactos no Brasil depende do esforço colaborativo de todos, poder público, famílias e cidadãos.

A partir de então, a disseminação deste novo coronavírus não só afetou o direito à saúde, às liberdades e aos meios de subsistência das pessoas, mas também desencadeou uma crise global que desencadeou uma severa crise sanitária e humanitária. A reconhecida pandemia do novo corona vírus, diante do cenário de tragédias diárias espalhadas pelo mundo, exigiu atitudes mais radicais para o seu combate, e grande parte da população se viu diante de uma realidade, até então, nunca experimentada. A gravidade alcançada pela pandemia tornou-se uma ameaça à saúde pública, justificando restrições a determinados direitos, impostos pela limitação à livre circulação das pessoas.

Nesse sentido, as estratégias foram adotadas por diferentes líderes políticos, traduzidas enquanto medidas de segurança, como quarentena, isolamento, distanciamento social, vigilância constante, limitação da liberdade, sob o argumento de prevenção a novos contágios, em alguns casos, acabam favorecendo a imposição de situações, ainda mais graves, ditam quem deve continuar vivendo e quem deve morrer. Diante desse caótico cenário, é imprescindível afirmar, ainda, que tais medidas de segurança, impostas para prevenir a contaminação em massa da COVID-19, trouxeram várias consequências para a vida diária das pessoas, não só na perspectiva econômica, social, profissional e educacional.

Esse contexto de pandemia trouxe também o fechamento das escolas como algumas dessas medidas de prevenção a propagação do vírus, mudando drasticamente a forma do ensino nessas instituições. Com isso se mostram os desafios e perspectivas enfrentadas por docentes e discentes diante dessa situação. Este estudo trata um tema atual que é a educação a distância e o uso eficiente das tecnologias a favor do ensino. Hoje muitos estudantes estão sem aulas presenciais devido o cenário do isolamento social tendo este artigo como objetivo refletir sobre os desafios enfrentados nesse período, e a utilização mais adequada dos meios digitais, métodos e metodologias, considerando as necessidades e recursos ideais.

Desde que a Pandemia do Covid 19 chegou ao Brasil causando grande impacto pela sua alta taxa de transmissão e alta taxa de mortalidade, o governo passa a tomar medidas que prevenissem o contágio pelo vírus, entre elas o distanciamento social com isso universidades e escolas foram um dos primeiros lugares a se fecharem para conter o avanço da doença. Com a impossibilidade de continuar as atividades nesses estabelecimentos de ensino, vislumbrou-se o desafio de refletir sobre o desenvolvimento de outros modos de estruturar os processos de ensino fora do ambiente escolar.

2.1. A pandemia e seu lado positivo.

Com certeza, o isolamento social está trazendo muitas lições e mostrando que até mesmo as coisas mais simples como dar uma volta no shopping, sair com os amigos ou abraçar um ente querido pode nos fazer repensar sobre os reais valores da vida. Por isso, muito se fala que mesmo sendo uma fase difícil, ao ser superada deve deixar algum aprendizado. A quarentena, assim como as mudanças estruturais promovidas pela pandemia do corona vírus, pode promover momentos de muitas mudanças sejam individuais ou coletivas.

Afinal toda situação de estresse é propícia para o aprendizado e o crescimento pessoal. E esse período é sem dúvida um potencial estressor, que exige enfrentamento de cada um de nós, a maneira como cada um enfrenta a situação mostra como individualmente cada um se relaciona com o fatos estresse. Existem três possibilidades: estresse como desafio, ameaça ou dano, sendo que cada um terá um processo pessoal de construção na maneira de enfrentar a dificuldade e aprender com ela. Encarar a situação como desafio sempre é a melhor perspectiva, proporcionando aprendizado. Pois, algo desafiador sempre traz coisas boas e oportunidades para devolver aspectos que outrora não haveria tempo. “É aquela fase que apesar de difícil, nos dá condições para convivência, execução de novas atividades e tudo pode ser uma forma de potencializar o aprendizado nesse período.

Uma importante ferramenta é permitir-se viver cada momento com intencionalidade, gentileza, consciência e compaixão, de forma que a passagem do tempo seja nossa aliada na construção do conhecimento e desenvolvimento pessoal, e não um obstáculo em um futuro ainda incerto, fantasioso e gerador de ansiedade e preocupações exacerbadas.

2.2. A suspensão das atividades escolares e medidas tomadas em prol do ensino

O ano de 2020 não foi apenas o ano em que o mundo parou diante da pior pandemia em mais de um século. É também o ano em que ocorreu a maior ruptura educacional da história, estendendo-se até meados do ano 2021, obrigando quase 1,6 bilhão de estudantes a deixarem suas salas de aula em mais de 190 países. Isso representa mais de 90% da população estudantil de todo o mundo.

Segundo a UNESCO, a interrupção da educação devido à COVID-19 impactou de maneira dramática as desigualdades de aprendizagem em todo o mundo. É por isso que, em março de 2020, a UNESCO lançou a Coalizão Global de Educação, uma parceria multissetorial para atender à urgente necessidade mundial de continuidade da educação em uma escala sem precedentes. A Coalizão Global de Educação é uma plataforma de colaboração e intercâmbio para proteger o direito à educação durante e além desta ruptura sem precedentes. Ela reúne mais de 150 membros da família da ONU, sociedade civil, universidades e setor privado para garantir que a aprendizagem nunca pare. Os membros da Coalizão se unem em torno de três eixos principais: conectividade, professores e gênero.

A Coalizão Global de Educação se tornou uma plataforma essencial para apoiar os países em suas respostas aos desafios sem precedentes que o setor de educação está enfrentando. As ações da Coalizão são muitas e de naturezas variadas, dependendo dos pedidos feitos pelos países. A Coalizão é estruturada para trabalhar de uma maneira flexível e ágil, a fim de oferecer respostas para a continuidade e a qualidade da educação. Esse novo modelo de parceria para apoiar as respostas educacionais tem benefícios na forma como suas iniciativas são implementadas na crise atual, porque as intervenções são rápidas, eficientes e capazes de alavancar recursos que normalmente não estão disponíveis para produzir resultados. Em diferentes países, as contribuições da Coalizão não substituem as respostas nacionais. Pelo contrário, a Coalizão envolve novos atores que normalmente não seriam parceiros óbvios, assim como organizações de tecnologia e mídia, a fim de complementar e apoiar os esforços nacionais para garantir a continuidade da aprendizagem.

Desde que a pandemia do Covid 19 se instalou no mundo, cerca de 1.5 bilhões de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. Alguns países adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou deixaram abertas aquelas com crianças pequenas cujos pais trabalham em setores críticos para a sociedade. Aqui no Brasil, por enquanto a maior parte dos governos estaduais e municipais optaram pelo fechamento total para reduzir as chances de que os estudantes se tornem vetores do vírus para suas famílias. A alternativa para não deixar milhares de estudantes sem assistência educacional ao longo desse período, foi optar por aulas híbridas onde se utiliza vários formatos e ferramentas para o desenvolvimento das aulas. Por ser uma realidade pouco conhecida em nossas escolas e com muitas questões desfavoráveis para a prática desse sistema, ainda não se tem estudos aprofundados que comprove sua viabilidade.

Vários organismos internacionais estão publicando estudos sobre as experiências internacionais de medidas para conter a pandemia e seu efeito na educação. Eles tentam responder a perguntas como: o fechamento das escolas é importante para conter a disseminação do vírus? Como as escolas podem promover o aprendizado para todos, diante da diversidade de contextos socioeconômicos da população e de dificuldade de acesso de alguns para a educação a distância por meio de aulas remotas? Quais ações podem ser realizadas no curto prazo? Como os educadores estão superando esse desafio?

2.3. Ensino Remoto como alternativa de desenvolvimento do trabalho escolar

A diferenciação entre o ensino híbrido, Ensino a Distância, ensino Remoto é que o ensino híbrido mescla o ensino presencial com o virtual dentro e fora da escola e já se consolidou como uma das tendências mais importantes para a educação do século XXI. As atividades acontecem de forma cautelosa e gradual, com redução de estudantes por turma, revezamento dos encontros presenciais e a distância, tudo isso com intuito de proporcionar um ambiente escolar mais seguro.

Essa pratica tem se propagado em instituições de ensino do mundo todo, oferecendo aos alunos acesso a um processo de ensino e aprendizagem mais interessante, eficiente e personalizado as suas necessidades, vale lembrar que no ensino híbrido, existem alguns métodos que podem ser adotados, como: rotação por estações, laboratório rotacional, rotação individual e a aula invertida, sendo ela, o exemplo que melhor se encaixa na implementação do ensino híbrido

A educação a distância, também conhecida como ensino a distância, ou EaD é uma modalidade da educação em que alunos e educadores conseguem estabelecer o processo de aprendizagem mesmo estando em ambientes distintos, isso acontece por meio da tecnologia, em especial pela internet, que possibilita os alunos assistirem as aulas através de computadores, tablets ou até mesmo smartphones, além das aulas, na modalidade EaD também é possível realizar avaliações, sanar dúvidas, fazer exercícios, participar de debates e muito mais, assim como é feito na educação tradicional.

Portanto, eles não precisam estar presentes fisicamente dentro de uma estrutura escolar para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma efetiva, no modelo EaD é possível ter acesso a materiais prontos como: vídeos, textos, imagens e trabalhos que permitem mais autonomia para os alunos, pois não precisa da presença dos professores para que os estudos tenham continuidade, o modelo possui tutores que ficam disponíveis em alguns momentos do dia para orientar e tirar as dúvidas dos alunos.

Diante da realidade jamais vista e prevista neste período de afastamento social imposto pela pandemia, e necessidade de manter as atividades curriculares compreende que o ensino remoto é baseado na transmissão em tempo real das aulas. A proposta é que professor e estudantes de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorriam no modelo presencial. Com esta dinâmica é possível ser mantida a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um, em diferentes localidades. Para as aulas remotas, se faz necessário o uso de plataformas digitais para esse encontro por “telas”.

Mesmo nas aulas remotas, algumas atividades podem acontecer em outros momentos, na qual ressaltam-se as palavras *síncronas* e *assíncronas*. As aulas remotas são contempladas por períodos síncronos, ou seja, que acontecem no momento exato, por exemplo, no instante em que o estudante faz uma pergunta no chat e durante este mesmo espaço de tempo o professor tem a oportunidade de respondê-la. Já algumas atividades caracterizam-se por momentos assíncronos, ou seja, o professor e alunos estão desconectados daquele tempo e espaço, como por exemplo, quando o estudante precisa resolver e entregar um exercício até um determinado dia, pré-agendado.

Perante o contexto dessa pandemia, algumas soluções de ensino ganharam grande destaque por serem as responsáveis em manter alunos e professores integrados, minimizando os impactos da pandemia na educação, entre as soluções e possibilidades que existem hoje estão o Ensino híbrido, a Educação a distância e o Ensino remoto.

Diferente do ensino híbrido e do EaD, o ensino remoto acontece apenas dentro do ambiente virtual e prioriza a transmissão das aulas em tempo real. Como as aulas acontecem

em transmissões ao vivo, os alunos possuem interação de forma diária ou frequente com o professor para sanar suas dúvidas e promover um contato mais próximo na medida do possível de educadores e estudantes, o objetivo é que eles tenham interações nos mesmos horários como se estivessem nas aulas de modelo presencial.

A impossibilidade dos encontros presenciais, entre professores e alunos, devido às medidas de distanciamento social, as aulas remotas surgem como alternativa para reduzir os impactos negativos no processo de aprendizagem. Com as aulas suspensas, muitas escolas, educadores, pais e alunos tiveram que passar do ensino presencial para o ensino a distância (EaD) sem muito tempo de preparação, o que é um desafio bem grande para todos e principalmente para o professor. Tal modalidade, é realizada por muitas instituições de ensino, onde o público alvo são estudantes de graduação ou pós-graduação que por motivos de falta de tempo, para os que já estão no mercado de trabalho ou, outras questões pessoais, recorrem a esta modalidade de ensino, a qual, não depende de um horário fixo para assistir as aulas ou fazer as atividades. Destacamos que não temos a pretensão de discorrer sobre o ensino na modalidade EaD, porque em sua essência, segundo Moran (2002), é uma modalidade de ensino e aprendizagem em que professores e estudantes não estão necessariamente juntos fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias como a Internet, embora também possam ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o telefone e tecnologias semelhantes.

Para Aretio (1994) o Ensino a Distância é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal, na sala de aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

O Ensino Remoto Emergencial e a educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos, por isso, é muito importante, no contexto que estamos vivendo, clarificar esses conceitos. O termo "remoto" significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decretos de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus, e emergencial, porquê do dia para a noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado.

Diante do exposto e da compreensão sobre a EaD, compreendemos que na prática, faremos uma reflexão sobre o ensino remoto feito por um professor, que diante da impossibilidade de estarem presencialmente com seus alunos, precisaram adequar suas aulas

sob o aporte do ensino remoto, estas as aulas, sejam elas ao vivo ou gravadas, por meio de videoconferência ou recurso similar podem ser acessadas pelos estudantes via internet. A carga horária é a mesma das aulas presenciais, e dependendo da acessibilidade dos estudantes a essas aulas, a frequência está condicionada a entrega das atividades propostas pelo professor. Os educadores em sua maioria, não tem o domínio das ferramentas tecnológicas para esse fim, bem como os estudantes, têm enfrentado grandes desafios com as aulas remotas, afinal, as mudanças foram abruptas. Adaptar toda a dinâmica da sala de aula presencial para os ambientes virtuais demanda investimento de tempo e em tecnologia.

Mesmo com os desafios, aulas expositivas e até avaliações têm ocorrido com o suporte de recursos tecnológicos, em diferentes formatos de conteúdo e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Tudo para diversificar e personalizar a experiência dos alunos. Tanto as aulas remotas quanto a modalidade de ensino a distância (EaD) são realizadas para proporcionar uma rotina de estudo e estabilidade diante de tantas incertezas.

Enquanto a aula remota surge como resposta imediata ao momento atual, a modalidade de ensino a distância já é conhecida por muitos brasileiros há várias décadas. A diferenciação entre aulas remotas e a modalidade de ensino a distância (EaD), é que as aulas remotas são ao vivo, simulando o encontro presencial, o professor da disciplina disponível diariamente, o conteúdo e material didático são mais personalizados e ajustados pelo professor segundo a necessidade, o cronograma mais flexível e ajustado segundo o contexto atual, avaliações mais centradas nas aulas, mais atividades síncronas, carga horária concentrada nas aulas e mais centrado no professor.

Como citado anteriormente, no ensino a distância as aulas são gravadas, tutor/monitor como suporte de maneira atemporal, o conteúdo e o material didático mais padronizados, normalmente disponibilizados com antecedência, cronograma padronizado, avaliações padronizadas, atividades síncronas e assíncronas, carga horária distribuída entre diversos recursos midiáticos e mais autoinstrucional.

As ferramentas e plataformas são diversificadas. Apresentamos a seguir algumas sugestões de comunicação remota com os alunos:

- WhatsApp: Utilização para conversas individuais, em grupos ou através de listas de transmissão;
- Google Hangout Meets: Plataforma de web conferência para até 100 pessoas ao mesmo tempo;
- Skype: Plataforma de comunicação para uma quantidade reduzida de pessoas;

- Google Forms: Criação de avaliação, simulados e provas para resolução no formato digital;
- Microsoft Teams: Trabalho em equipe usando chat, compartilhando arquivos e fazendo chamadas com vídeo.

Todas essas ferramentas tecnológicas são produto da ciência e da engenharia que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam a resolução de problemas. É uma aplicação prática do conhecimento científico em diversas áreas de pesquisa. O termo tecnologia educacional, remete ao emprego de recursos tecnológicos como ferramenta para aprimorar o ensino. Usar a tecnologia a favor da educação, promovendo mais desenvolvimento socioeducativo e melhor acesso à informação. O grande aparato que traz inúmeros benefícios sociais e educacionais é o computador.

O uso da tecnologia favorece a interação entre alunos. Ao fazerem atividades em pares ou grupos, a internet permite que todos expressem seus conhecimentos e deem opiniões, o que traz à tona a experiência prévia dos alunos, o que os motiva ainda mais, pois se sentem parte ativa e importante do processo de aprendizagem.

2.4. Os entraves enfrentados por professores, pais e estudantes.

Como exposto, a situação da pandemia provocada pelo COVID-19, demandou como consequência necessária a medida de isolamento social às escolas, num primeiro momento, a suspensão das atividades presenciais. Nesse sentido, as redes escolares, privadas e públicas, se depararam com inúmeros desafios sobre a viabilização do processo remoto de escolarização.

Um dos principais desafios tem a ver com a aquisição de dispositivos (computador, smartphone, tablets, etc.) e o acesso à internet de qualidade. Isso desvela a chaga nacional, que é a terrível desigualdade social. O Brasil, um dos países considerados democráticos, é também uma das nações mais injustas, onde poucos detêm a maior parte da riqueza e a maioria da população vive em grande pobreza.

Uma vez os estudantes em suas casas supostamente nelas isolados, também escancara outro problema, o da desigualdade social, que é a própria qualidade de vida, incluindo aí acesso às condições básicas como alimentação adequada, à energia elétrica, saneamento, etc. Isso sem falar do ambiente doméstico, por vezes, marcado por violências e falta de estrutura para manter as rotinas escolares, como um espaço adequado para os estudos. Importante ainda sublinhar que muitos pais se sentem incapazes em auxiliar seus filhos, seja por uma questão de limitações de

conhecimento e informação (em relação ao conteúdo escolar e a habilidade para lidar com os recursos digitais) ou até por uma questão de condição existencial.

Saindo do foco da estrutura social dos estudantes e suas famílias, os desafios são encontrados também na condição docente para efetivar as atividades remotas. Sem as devidas formações que os qualifiquem para atuar nas atividades remotas, pois são maneiras completamente diferentes do agir pedagógico (uma coisa é a aula presencial, outra bem diferente é o ensino a distância) e mesmo tendo que arcar com seus próprios custos e ferramentas, trabalhando em *home office*, os docentes, muitas vezes, expressam angústias e estresses, já agravados pela situação de pandemia.

Mesmo antes da pandemia, os professores já sinalizavam para uma sobrecarga de trabalho, muitos indicam estarem em jornada dupla, com cobranças ilimitadas a todo o momento. Alguns relatam executarem atividades em regime de dedicação exclusiva, tendo que, por exemplo, atender pais que enviam mensagens a todo o momento e gestores que exigem em torno do cumprimento de cronogramas antes pensado para uma escola em regime presencial.

Nos cliques e telas nos quais estão sendo desenvolvidas as aulas remotas, temos alunos, professores e, conseqüentemente, famílias que acompanham ou estão tentando adentrar uma realidade desconhecida e angustiante, aprendendo a como gravar e editar vídeos, tornando o ambiente doméstico o mais próximo possível do espaço escolar, lidando o universo *online* e transitando pelas relações virtuais.

Esses problemas parecem ser minimizados quando se trata de alunos oriundos de classes sociais mais abastadas ou quando a escola garante as condições de trabalho para os docentes. Nesses casos, há acesso à internet de qualidade, há uma estrutura doméstica para o estudo, as condições básicas de vida são garantidas, os pais são escolarizados e há disponibilidade de tempo para mediar as atividades remotas.

Essas aparentes condições favoráveis revelam um problema mais radical que afeta, inclusive, todos os docentes e alunos, independente de seus pertencimentos de classe e de condições de trabalho. O problema tem a ver com a própria situação da pandemia e a compreensão do impacto das atividades remotas na vida dos alunos.

Alunos e professores são praticamente contundentes ao afirmarem que as aprendizagens são possíveis, mas que não é a mesma coisa. Isso significa que há uma inevitável diferença na situação que os alunos se encontram, sobretudo no que diz respeito a atividade remota no contexto de pandemia se comparado com as atividades presenciais. Porém, parece haver uma pressão por parte dos gestores escolares, de certas políticas públicas educacionais e mesmo

reverberações por parte dos pais ao tentarem combater os “prejuízos” causados por toda essa situação.

Uma das consequências em combater os “prejuízos” é transpor a carga horária e alarga quantidade de conteúdos da condição presencial para as atividades remotas. Então se o aluno tinha quatro horas de aulas por dia e um quantitativo de conteúdos das matérias a ser dado num certo período, tudo isso foi transposto via os ambientes virtuais. Acontece que essas transposições literais são inviáveis, pois uma coisa é participar de quatro horas de aula na interação face a face e outra é ficar ligado numa tela no mesmo período de tempo.

Essa ânsia por suplantam os prejuízos causados pela situação de isolamento social é a concepção básica do problema das aulas remotas, e que atravessa o modo como as escolas e famílias, via de regra, têm lidado com as atividades remotas, tendo as melhores ou as mais reduzidas condições. A ânsia por minimizar os prejuízos é uma postura, inclusive, negacionista no que se refere a própria situação da pandemia. Há prejuízos sim, ninguém sairá incólume dessa situação. Achar que tudo pode ser transposto, substituído e mantido é negar que estamos vivendo uma pandemia de um vírus que pode ser letal e que, por enquanto, tem vacina, mas não sabemos a eficácia dessas.

Quando as escolas insistem em manter a ênfase na carga horária e nos conteúdos de maneira literal e quando os pais pressionam o preenchimento dos “prejuízos”, não estão só sendo negacionista, mas também estão sendo inefetivos do ponto de vista pedagógico, sem falar nos possíveis desdobramentos em termos dos adoecimentos mentais dos alunos.

O problema das atividades remotas, portanto, é que parece atravessar de modo geral todas as escolas e famílias é a concepção da atividade remota e o papel da escola nessa situação de pandemia. As escolas podem, por exemplo, ao invés de negar e querer fazer de conta que não haverá prejuízo, assumir as limitações, focar nos vínculos, abordar mais a experiência formativa de toda essa situação, acolher os alunos em seus afetos e, na medida do possível, trabalhar alguns conteúdos vinculados às suas vivências.

2.5. O Ensino Remoto x Ensino de Geografia

A convivência social no ambiente escolar é parte fundamental do processo de aprendizado do aluno. É por esse caminho que ele, na primeira infância, aprende a administrar as próprias emoções, começa a construir o que, na juventude e vida adulta, será sua independência, e inicia o processo de aquisição de bem estar emocional e autoconfiança. Some-se a isso a sensação de pertencimento que só o relacionamento de um grupo inserido em um

ambiente de convívio diário pode oferecer. E isso é tão precioso quanto o conteúdo oferecido em sala de aula. Porque é algo a ser levado por toda a vida e construirá suas bases para o convívio harmônico em sociedade.

Por isso, o retorno às aulas presenciais em meio à pandemia, ainda que no sistema híbrido, é tão importante para a ideia de construção de uma sociedade mais justa, segura e democrática. E se considerados os protocolos já à disposição da comunidade escolar, que considera o modelo híbrido – em que uma parte da turma assiste a aula presencialmente, enquanto a outra acompanha remotamente, em um esquema de revezamento – como alternativa viável ao momento, as instituições de ensino se tornam ambientes muito mais seguros para estudantes (e por consequência, seus pais), professores, funcionários, gestores da educação e comunidade, supermercados, farmácias e estabelecimentos comerciais, locais imprescindíveis para que a vida siga adiante.

Mas com a constatação, na prática, de que estudantes são replicadores de boas práticas em suas casas, a convivência em um ambiente seguro terá como consequência a disseminação de comportamento preventivo nas famílias dos alunos. Porque eles estarão diante de um novo momento, em que todos os protocolos de proteção contra o novo coronavírus sem exceção, são observados e aplicados cuidadosamente.

Apesar da utilização das aulas remotas para minimizar as perdas no campo educacional, há de se compreender a necessidade de retorno as aulas presenciais. E se pensarmos que, de acordo com o que explicam pesquisadores e sanitaristas, a Covid-19 deve se estender ainda por alguns anos, o papel dos estudantes na disseminação de informação de qualidade, na construção de uma sociedade que ouve a ciência e aprende com ela, não pode ser subestimado.

Cavalcanti (2002, p. 33) destaca que a escola é “um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e cotidianos”, para além dos seus muros (estrutura física), a escola também é palco de relações sociais, ou poderíamos dizer, sócio espaciais. Desta forma, um dos grandes desafios da escola neste momento, neste contexto de pandemia e ensino remoto, seria manter a ideia da importância sócio espacial da escola, seu papel na formação de uma sociedade crítica e para isso, os conhecimentos geográficos apresentam-se como fundamentais, pois possuem o papel de instrumentalizar o aluno na compreensão do espaço e toda a dinâmica que o envolve.

Professores e alunos tiveram suas funções deturpadas pelo novo formato de ensino remoto, as tecnologias agora ocupam o espaço que antes era ocupado pelas relações sociais, o diálogo agora é através das telas, a troca de informações, os questionamentos (quando ocorrem) é por meio de chats e plataformas, desta forma, professores acabam se configurando como

produtores de atividades, de conteúdos, de vídeos. Sua função vai além do planejamento pedagógico, também é necessário que o docente tenha conhecimentos básicos sobre edição e postagem de vídeos, etc. Os alunos que antes tinham o apoio do professor e dos colegas no desenvolvimento das atividades, agora precisam se adequar as atividades online, com o acompanhamento dos pais (quando estes conseguem dar suporte), muitos sem nenhuma condição de dar conta de toda a carga de atividades que recebem semanalmente, isso quando estes alunos possuem acesso à internet.

Esse modelo de ensino em que o professor posta conteúdos, vídeos e atividades cabe ao aluno a função de receber todo esse material, carga de informações e processar tudo, em um limite de tempo, prestando contas de tudo ao professor, que também precisa corrigir tudo e prestar contas a direção ou coordenação da escola. É válido lembrar, com base nas palavras de Paulo Freire (1996), que ensinar não é transferir conhecimento, que os alunos possuem uma participação fundamental no processo de ensino-aprendizagem e que a mediação do conhecimento pelo professor conta como ponto fundamental o diálogo, as relações sociais que são estabelecidas no ambiente escolar, em uma sala de aula.

Com o cenário de pandemia vivido, o conhecimento geográfico permite ao aluno a compreensão da dinâmica de tudo o que está acontecendo no mundo, partindo do entendimento da realidade local até a global. Este período pandêmico também tem revelado discussões e problemas há muito enfatizados pela geografia, seja nas universidades ou na própria escola. Questões como desigualdade social, avanços e uso de tecnologias, a importância da escola para a sociedade e a importância das instituições públicas para a manutenção dos direitos sociais. Diante desses problemas, é necessário refletir acerca de que conhecimentos são importantes e como trabalhar tais conhecimentos com os alunos diante do ensino remoto.

Neste sentido, o ensino de Geografia nos permite relacionar a dinâmica do vírus no espaço geográfico, e com o esse processo delineou e descortinou ainda mais as desigualdades sócias e tecnológicas, para o acesso à educação. Por isso, a educação geográfica tem a função social de levar os alunos a refletir sobre como o espaço globalizado teve um papel fundamental para a expansão do vírus pelo mundo, como também compreender como o conceito espacial se materializa no lugar de vivência, pois, conforme concorda Cavalcanti (2014), “a geografia na escola tem o propósito de contribuir para que os alunos desenvolvam o modo de pensar espacialmente”. A educação geográfica tem também o papel de formar a criticidade dos alunos, por meio da análise espacial contemplando a problemática já afirmada anteriormente, o saber, as desigualdades que permeiam o espaço da sociedade.

Tendo como um dos pressupostos levar os sujeitos a entender seu lugar, a dinâmica imposta pelo processo neoliberal nesse momento de pandemia, tendo o que Cavalcanti (2014) e Santos (2017) chamam de espaços desiguais, relacionando essa dinâmica para as cidades, as relações de poder e exclusão que estão inseridos os alunos, constituindo o olhar geográfico e por conseguinte cidadania. Diante da proporção que o COVID –19 tomou, acompanhamos diversos aspectos da sociedade sendo afetados, a economia mundial sofreu fortes abalos, o fluxo de pessoas e mercadorias foi afetado, as instituições públicas e privadas se viram obrigadas a alterar sua dinâmica de funcionamento, presenciamos o caos nos hospitais e na saúde pública em geral. Todas essas mudanças alteraram de forma significativa a dinâmica espacial do mundo no ano de 2020, de forma que o conhecimento geográfico se apresenta como fundamental para a leitura de todo esse contexto vivido pela sociedade mundial.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisar não é uma atividade do acaso, para MINAYO (2001), diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. Por isso, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada “*Os desafios do ensino remoto na visão de professores de geografia*”, foram adotados como base um viés qualitativo, que segundo MELHOTRA (2006) *apud* CHAER; DINIZ; RIBEIRO; (2011, p.257), por se tratar de uma “metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória, baseada em coleta de amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema”.

Alinhando este raciocínio ao de MINAYO (2000, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização das variáveis.

Optou-se como abordagem metodológica o estudo de caso, que nas palavras de Pádua (2004, p.74) trata-se de uma abordagem qualitativa, seja como o próprio trabalho monográfico, seja como elemento complementar em uma coleta de dados que consegue dar resposta a questões específicas de um dado problema.

Afim de compreender a perspectiva do professor a respeito do ensino remoto, realizado sobre o contexto da pandemia, foi elaborado e aplicado um questionário on-line com perguntas abertas e fechadas a docentes que lecionam em algumas escolas estaduais da cidade de Parintins-Am. O referido questionário foi elaborado contendo 17 perguntas para contemplar os objetivos específicos desse trabalho, através das quais suas respostas apontam um resultado sobre a referida pesquisa. O questionário foi utilizado como instrumento para coleta de dados por se tratar de uma ferramenta de análise “composta por um número mais ou menos de questões apresentados por escrito aos professores, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações diferenciadas etc.” (GIL, 1999, p. 128 *apud* CHAER, DINIZ; RIBEIRO, 2011, p.260). Nesse contexto, os dados coletados foram analisados na tentativa a dar voz aos educadores que tiveram a necessidade de se adaptar a essa nova realidade, na tentativa de compreender a visão destes, sobre as dimensões

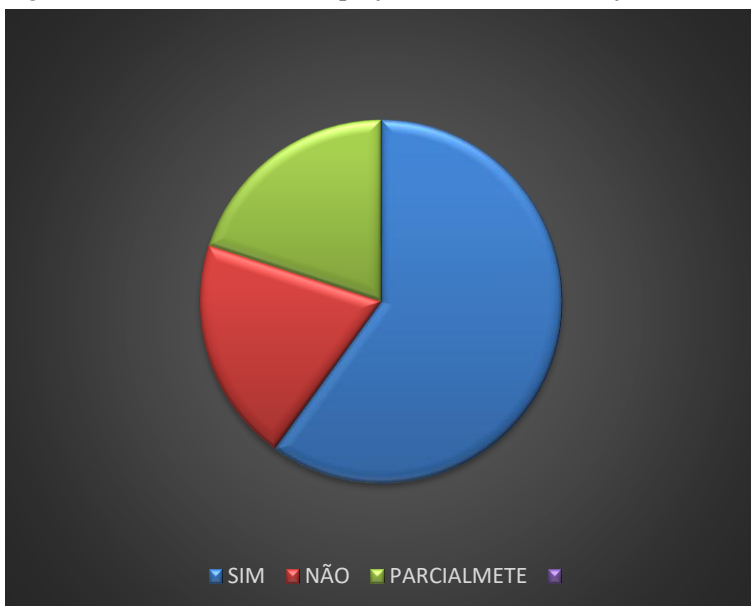
do acesso ao ensino e aprendizagem, e às condições oferecidas pelas instituições da qual fazem parte.

4. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA VISÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Com o passar dos dias, não se cogitando o retorno das aulas presenciais nas escolas, se faz necessária a discussão da recuperação e da continuidade das aulas, mesmo sem o fim da pandemia. Face a essas circunstâncias, foi necessário conhecer o posicionamento dos professores que tiveram que adequar suas atividades de ensino para a modalidade de aulas remotas. Suas respostas nos mostram os desafios enfrentado por eles e conseqüentemente, nos apresenta um panorama do que foi o ensino remoto realizado em tempos de pandemia do Covid 19.

Iniciamos essa pesquisa instigando-os a se manifestarem sobre a seguinte questão: ***Você se sentiu desafiado ou inseguro para a realização do seu trabalho?*** Neste cenário, compreende-se que essa realidade trouxe um impacto para toda a comunidade escolar, ao processo de ensino e aprendizagem teve a ajustes emergenciais para o qual eles não estavam preparados, mas sabiam da necessidade de adequação do seu trabalho.

Figura 1: Posicionamento dos professores sobre os desafios do trabalho remoto



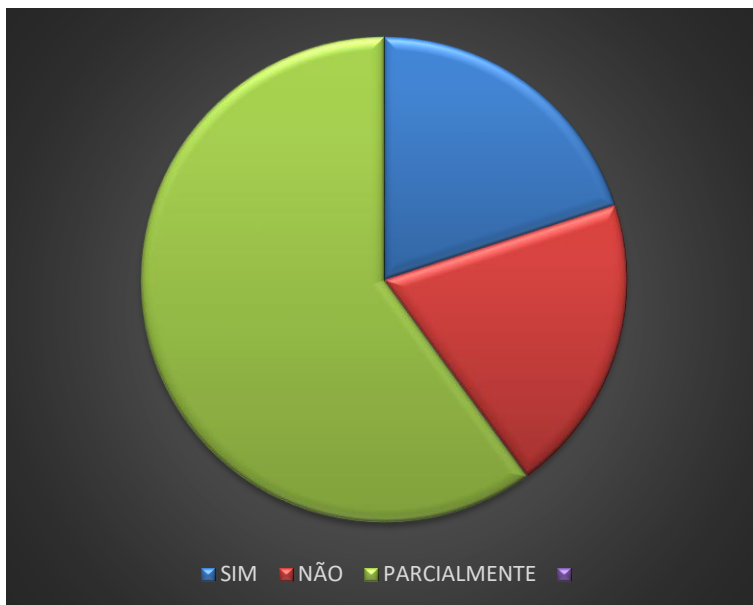
Fonte: GLORIA, 2021

Com a pesquisa vimos que a maioria dos professores se sentiram desafiados ou inseguros na realização de seu trabalho, pois muitos deles já estavam acostumados a trabalhar no ensino presencial, e tiveram que se reinventar para trabalharem com o ensino remoto.

O ensino remoto, devido a pandemia da Covid-19 está sendo aplicado como forma emergencial para dar conta de uma situação até então inesperada, ou seja, os projetos pedagógicos das instituições de ensino e de seus respectivos cursos não foram construídos para dar conta da modalidade de EaD, afim de estruturar o currículo e os processos de ensino e de aprendizagem nesta modalidade diferenciada. Desta forma os professores estão apenas utilizando as TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação) como meio, mantendo as mesmas metodologias de ensino utilizado no ensino presencial, baseadas quase que em sua totalidade, na transmissão de conhecimentos, por meio de aulas expositivas e exercício para fixação do conteúdo. (Silveira, 2020, p. 38).

Perguntou-se também: *Tendo em vista sua formação acadêmica, você se sente capacitado a utilizar a tecnologia para ensinar na modalidade a distância?*

Figura 2: Posicionamento dos professores sobre sua capacitação tecnológica

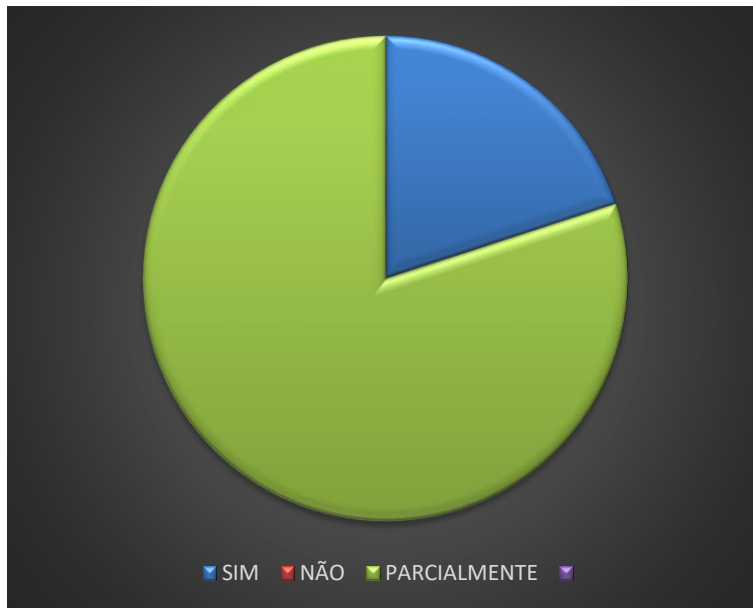


Fonte: GLORIA, 2021

Com base nos resultados da pesquisa os professores dizem que se sentem parcialmente capacitado a utilizar a tecnologia para ensinar, pois nenhum destes recebeu em sua formação acadêmica cursos que o capacitassem a lidar com essa situação. De acordo com Dorneles (2012), para que essas tecnologias sejam implementadas no ambiente escolar é necessário que a preparação dos professores em curso de formação.

Sobre a utilização das ferramentas digitais nas aulas de geografia eles apontam uma realidade que é muito comum entre os professores da rede pública de ensino que está ligado a carência de equipamentos tecnológicos nas escolas o que acaba não exigindo dos professores o domínio na utilização dessa ferramenta.

Figura 3: Posicionamento dos professores sobre a utilização de recursos digitais



Fonte: GLORIA, 2021

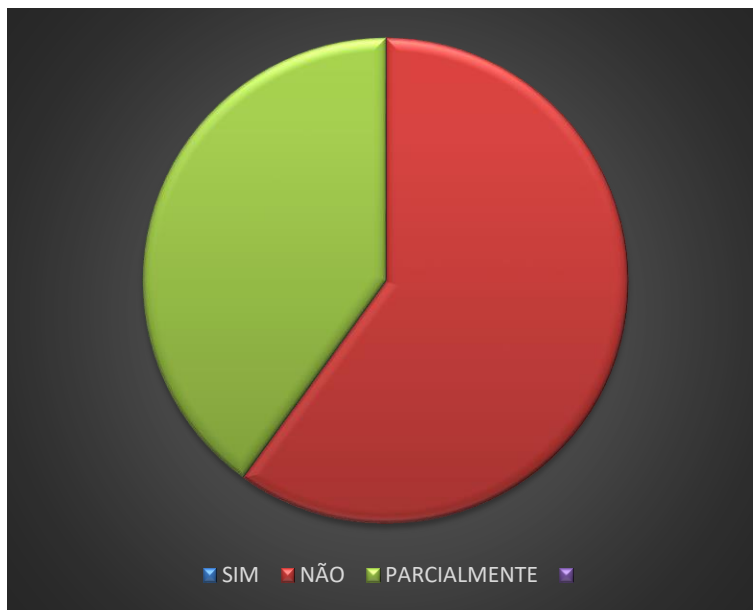
Mesmo assim, a maioria dos professores dizem que possuem uma habilidade parcial com a ferramentas digitais. Segundo Barbosa, Viegas e Batista (2020, p.277), nessa modalidade de ensino a distância onde a utilização das tecnologias é imprescindível, o docente pode se sentir desanimado e decepcionado por sua falta de conhecimento e domínio pleno da ferramenta, ampliando sua carga-horária de trabalho em busca dessa competência.

Segundo a pesquisa a maioria dos professores já haviam desenvolvido aulas com metodologias voltadas para pesquisas na internet, aulas em *power point*, filmes, documentários *podcast*, *google maps* entre outros. É possível afirmar que a falta de capacitação gerou muita dificuldade para os professores, pois a ausência de formação demonstra falta de conhecimento, e isto pode ter dificultado a adaptação a esta mudança inesperada de ambientes e forma de ensinar. Associado a isto, acreditamos que, em uma sociedade na qual a informação e a comunicação são as principais engrenagens que movem as relações no mundo, o desenvolvimento de competências na formação docente merece um olhar especial. Para além disto, o investimento em cursos de treinamento para o uso de determinadas tecnologias é

insuficiente. “Mais que isso, é necessário investir, também, em formação para o uso didático dos recursos tecnológicos” (MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019).

Ao serem indagados *se eles tiveram dificuldades para utilizar equipamentos tecnológicos e mídias digitais (apps, softwares)* na preparação de suas aulas apontam que não tiveram essa dificuldade e, pela necessidade do momento, dedicaram-se a fazê-lo pelo bem de seu trabalho.

Figura 4: Posicionamento dos professores sobre dificuldade para utilizar as mídias digitais



Fonte: GLORIA, 2021

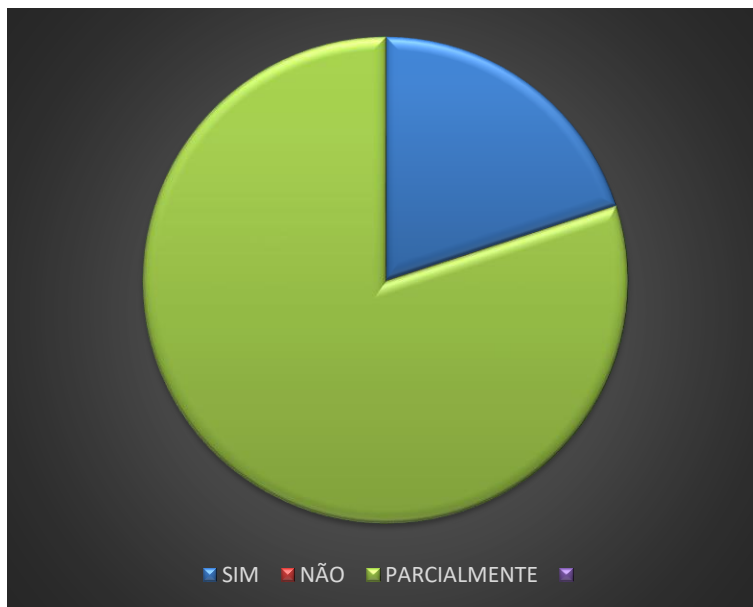
A maioria dos professores responderam que não tiveram dificuldade em utilizar os equipamentos tecnológicos ou mídias digitais na preparação das aulas. Dessa forma, destaca-se a importância desses sujeitos no processo didático, sendo responsáveis pela condução do processo, com vistas a possibilitar a assimilação de forma consciente e sólida dos conhecimentos, aptidões e hábitos pelos estudantes, além de tornar possível que estes desenvolvam suas habilidades cognitivas (LIBÂNEO, 2008). Em síntese, os docentes foram forçados a transformar toda sua metodologia de ensino para a educação não parar (ARAÚJO; ARAÚJO; LIMA, 2020).

A maior parte dos professores demonstraram preocupação quanto a aprendizagem dos alunos em formato remoto. Essa preocupação se deve por terem conhecimento das condições socioeconômica dos estudantes. Por serem estudante de ensino médio, alguns já trabalhavam mesmo que informalmente e por conta da pandemia, perderam seu emprego, o mesmo

aconteceu com alguns pais. A renda familiar foi afetada, tornando-se um fator agravante para suas famílias. Gasparini, Barreto e Assunção (2005), entendem que hoje o papel do professor não consiste em somente mediar o processo do conhecimento, mas ampliou-se para fora do ambiente escolar, a fim de ocorra uma relação direta entre a escola e a família, devendo este além de ensinar, participar da gestão e do planejamento escolar.

Foi necessário saber seus posicionamentos *sobre a interação entre aluno e professor nas aulas remotas como foi a participação dos mesmos*, se eles interagem, colaboravam, perguntavam.

Figura 5: Posicionamento dos professores sobre a interação dos estudantes



Fonte: GLORIA, 2021

Devido à dificuldade de muitos alunos em participar das aulas on-line, por muitos fatores a exemplo da qualidade da internet, ou até mesmo porque alguns alunos que não possuíam celular ou computadores, os professores consideram a interação entre eles e os alunos parcialmente boa e justificam que para que isso ocorra é necessário ter aulas que chame a atenção dos alunos. Conforme informa Oliveira (2020, p.39), “nesse novo ambiente de aprendizagem, o professor precisa ir além, motivar, aguçar a curiosidade, instigar a pesquisa, provocar a reflexão, o desenvolvimento do pensamento crítico”.

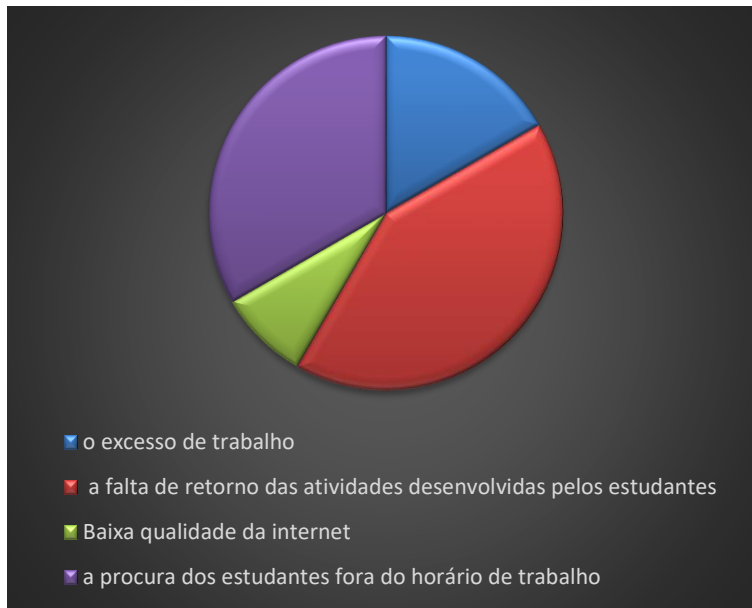
Perguntou-se também *sobre a autonomia dos estudantes para que o processo de aprendizagem ocorra sem a mediação presencial do docente*. Com unanimidade os professores afirmam que os alunos não possuem autonomia suficiente para desenvolver sua aprendizagem sem a mediação do professor pois ele é uma peça fundamental neste processo de

construção do conhecimento. Noro, et al. (2015), afirma que o professor é um condutor primordial no processo educativo. Os docentes são atores influentes nas escolas, pois colocam em prática o currículo formal e a visão pedagógica da escola (LEENDERS; VEUGELERS, 2006). Compartilhando o mesmo pensamento, Nóvoa (2019, p.1) descreve o importante e complexo papel desempenhado pelos professores ao afirmar que são os docentes que “ensinam as disciplinas, as matérias do programa, em aulas dadas simultaneamente a todos os alunos; e asseguram a disciplina, as regras de comportamento e de conduta dos alunos”.

Sobre o perfil sócio econômico das famílias como um fator limitante para a ausência dos alunos nas aulas não presenciais, eles expõem que em relação especificamente aos discentes e seus familiares, a pandemia deixou claro que as desigualdades sociais que ainda assolam o país e a elitização que há na educação, configurada, ademais da ausência do acesso à internet, pelo compartilhamento de aparelhos eletrônicos entre pais e filhos nas aulas virtuais. Ressalta-se ainda a dificuldade apresentada por muitos alunos e pais na utilização das plataformas digitais, ademais do baixo índice de presenças nas aulas remotas. Um grande fardo foi colocado sobre alunos e suas famílias que de repente tiveram que possuir uma variedade de habilidades, competências e recursos, que muitas famílias ainda não têm.

Sobre as principais dificuldades enfrentadas para a realização de seu trabalho nesse período de pandemia, eles apontam que são muitos os desafios enfrentados como problemas de diversas ordens com ênfase aos emocionais, causados pela privação da liberdade de ir e vim, afastamento dos colegas, amigos, familiares, espaço físico para estudar, entre outros. Desse modo, ao se ofertar o ensino remoto, a exclusão desses alunos, que não tem acesso às tecnologias necessárias, torna-se mais um agravante diante da pandemia e das condições impostas a muitos deles.

Figura 6: Posicionamento dos professores sobre as dificuldades enfrentadas



Fonte: GLORIA, 2021

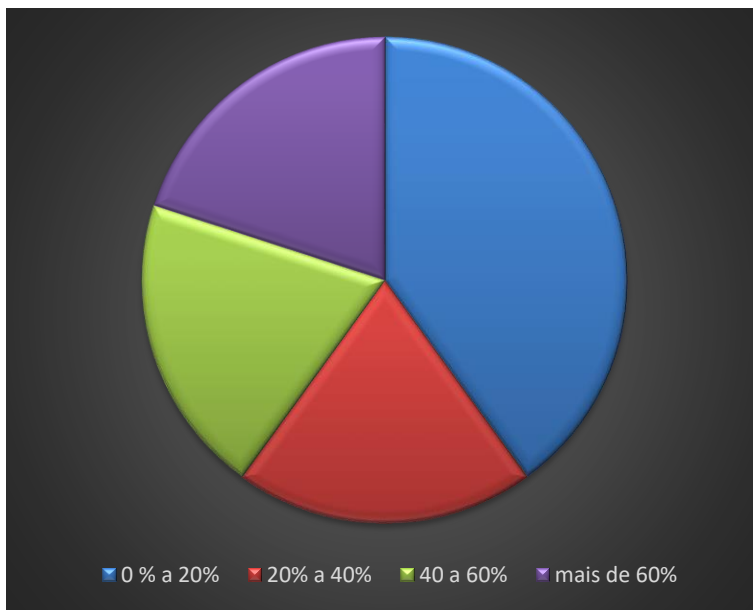
As dificuldades mais sinalizadas pelos professores recaem sobre a falta de retorno das atividades desenvolvidas pelos estudantes, a procura dos estudantes fora do horário de trabalho, o excesso de trabalho, e a baixa qualidade da internet. É possível afirmar que a falta de capacitação gerou muita dificuldade para os professores, pois a ausência de formação demonstra falta de conhecimento e isto pode ter dificultado a adaptação a esta mudança inesperada de ambientes e forma de ensinar. Associado a isto, acreditamos, que em uma sociedade na qual a informação e a comunicação são as principais engrenagens que movem as relações no mundo, o desenvolvimento de competências na formação docente merece um olhar especial, é possível que os estudantes também tenham tido dificuldades de adaptação, dada à incidência de sinalização, por parte de alguns professores, sobre a dificuldade de concentração e também de participação dos alunos.

Ao relacionar o tempo de dedicação do ensino presencial para o ensino remoto a baixa qualidade da internet e inexistência de equipamentos tecnológicos ficou com 60% dos professores seguidos da dificuldade de acompanhamento dos pais, a falta de motivação pela modalidade de ensino a distância, o ambiente domiciliar insatisfatório. Como afirmam Moreira, Henriques e Barros (2020), a suspensão das atividades letivas e a necessidade de garantir a continuidade de estudos obrigaram professores e estudantes a migrarem, inesperadamente, para a realidade de atividades online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, para o que tem sido denominado de ensino

remoto de emergência. Entretanto, só com muito sacrifício que os professores darão conta desta nova realidade. E ainda, realizar esforço redobrado para elaborar e operar uma proposta tão imediata quanto a transição do modelo presencial para o modelo remoto.

Durante a pandemia, alguns alunos não conseguiram acompanhar as atividades, a interação dos mesmos nas aulas tirando dúvidas, é uma preocupação dos professores.

Figura 7: Posicionamento dos professores sobre a interação dos estudantes

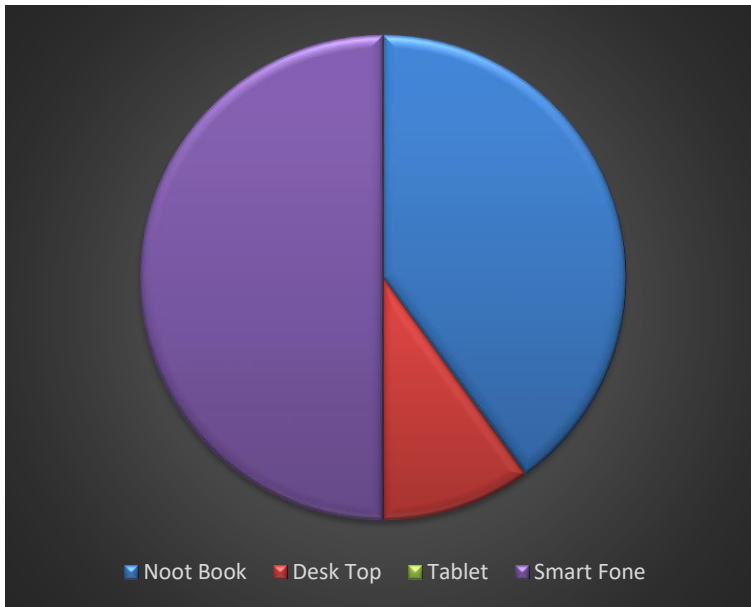


Fonte: GLORIA, 2021

Com base nas respostas os professores consideraram baixa a quantidade de alunos que não estão acompanhando as aulas online, a evasão de alunos considerada baixa o que podemos considerar um ótimo resultado para o ensino de forma remota. Os alunos precisaram se adaptar a essa nova realidade, reorganizando a sua rotina de estudo diário em casa e assumindo uma postura mais independente sobre o processo de aprendizagem. Leal (2020) aponta que, diante da nova realidade imposta pela situação de pandemia, as limitações que existem no processo de ensino e aprendizagem tornaram-se mais evidentes, isso porque o momento acentuou ainda mais como a desigualdade social tem implicações negativas na aprendizagem de alunos em situação de vulnerabilidade econômica.

Sobre os dispositivos tecnológicos necessários para o desenvolvimento das aulas remotas os professores declaram:

Figura 8: Posicionamento dos professores sobre os dispositivos tecnológicos



Fonte: GLORIA, 2021

A maioria dos professores usam o *smartfone*, *notebook* para realização do seu trabalho didático. A mediação das tecnologias, especialmente as digitais, no processo de ensino aprendizagem, destacando a educação básica, sempre se constituiu em um grande desafio a ser vencido. Desafio, por que o cenário escolar apresenta dificuldades como: o acesso e interação a esses artefatos culturais e tecnológicos por parte dos estudantes e as vezes, até dos professores; infraestrutura das escolas que não fornece o mínimo necessário para realizar atividades que necessitam das plataformas digitais, inclusive sem conexão com a internet; formação precária dos professores para pensarem e planejarem suas práticas com essa mediação, evidenciando muitas vezes uma perspectiva instrumental da relação com a tecnologias (PRETTO, 1996; ALVES, 2016).

Além das aulas por meio do ensino remoto, a maioria dos professores ainda utilizam livros, apostilas para dar suporte nos assuntos passados para os alunos medidas que aproximam os estudantes as aulas expostas pelos professores, como meros recursos didáticos, utilizadas como meio para atingir um determinado objetivo, como repositórios de textos, para animar e tornar as “aulas” mais interessantes e se aproximar do universo digital dos estudantes. Cunha (2016) assevera como condições básicas para mudança de postura político-pedagógica: a superação do paradigma da ciência moderna; a ampliação das tecnologias digitais e das diversas formas de ensinar e aprender; bem como a formação do profissional professor.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender a capacidade dos professores em lidar com as tecnologias e a novas modalidades de ensino imposto pelo contexto da pandemia do Covid-19, considerando o papel do professor na construção de conhecimentos. Além dos desafios impostos pela tecnologia também consiste na dificuldade de estabelecer comunicação com os alunos, seja por conta do despreparo em lidar com tecnologias no ambiente escolar ou pela péssima qualidade do sinal de internet em nossa cidade o que compromete a comunicação.

Sendo que a principal característica do ensino remoto é a proposição de atividades em tempo real, e essa falta de acesso à internet de boa qualidade compromete significativamente o processo de ensino e aprendizagem.

O perfil socioeconômico é outro fato que influencia diretamente no processo de aprendizagem, pois o acesso a tecnologias é limitado por não contemplar todos os alunos com aparelhos, internet de qualidade, ou um lugar adequado para estudarem.

Dessa forma, conclui-se que não há possibilidade de ocorrer o processo de ensino e aprendizagem sem a mediação do professor, sendo mais viável para continuação das aulas o ensino remoto, mesmo está tendo vários pontos negativos como a interação entre aluno e professor bem menor que a de uma sala de aula.

Em meio a um turbilhão de problemas, a educação deverá ser uma potencializadora da esperança humana, capaz de continuar auxiliando para a modificação de condutas, sempre para o bem da sociedade, em busca de nos fazermos sujeitos melhores. Uma crise sanitária é superada, também, por uma maior educação. Os instrumentos tecnológicos estão aí para nos auxiliar e diminuir as distâncias entre as pessoas e o conhecimento.

Esse contexto da pandemia pegou toda comunidade escolar de surpresa, e essas instituições de ensino não possui estrutura para dar continuidade nas aulas seja por falta de ferramentas tecnológicas ou também na formação dos professores para este novo desafio educacional. O cenário que enfrentamos ainda com incertezas, mas observamos a comunidade escolar se reinventar de forma rápida, desenvolvendo habilidades e dando espaço para novas ferramentas.

Portanto, os desafios dessa transformação digital na educação existem e são inúmeros, mais eles podem ser superados, principalmente por quem ainda deseja se manter relevante no mercado educacional, sejam pessoas ou instituições.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. G. *Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta*. Revista de Educação Pública, v. 25, p. 574-593, 2016.
- ARETIO, Lorenzo Garcia. *La educación a distancia: de la teoría a la práctica*. Barcelona: Ariel, 2002.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. Novas doenças, velhos medos: a mídia e as projeções de um futuro apocalíptico. 2012. In: A MONTEIRO, Yara, Nogueira, CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. As doenças e os medos sociais. São Paulo: FAP- UNIFESP, 2012, p. 13-34.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Boletim Epidemiológico. Saúde define critérios de distanciamento social Brasília, DF; 06/04/2020 Disponível em <https://www.agenciabrasil.ebc.com.br>, acesso em 21/04/2020
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Brasil confirma primeiro caso da doença. Brasília (DF), 26/02/2020. Disponível em <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-sau-de/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>, acesso em 30/03/2020.
- BYDŁOWSKI, C. R.; LEFÈVRE, A. M. C.; PEREIRA, I. M. T. B. *Promoção da saúde e a formação Cidadã: a percepção do professor sobre cidadania*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, p. 771-780, 2011.
- CAVALCANTI, L. de S. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, L. de S. *A Metrópole Em Foco No Ensino De Geografia: o que/para que/para quem ensinar?*In: PAULA, F. M. de A; SOUZA, V. C. de; CAVALCANTI, L de S.(Orgs.). Ensino de Geografia e metrópole. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.
- CUNHA, M. I. *Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência*. Em Aberto, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set./dez. 2016.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GASPARIN, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. V. *O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.2, p. 189-199, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAN, José Manuel. *"O que é educação a distância. 2002."* Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v.45, e180201, 2019.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. *Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*. Diologia. São Paulo, n. 34. P. 351-364, jan/abr. 2020.

NORO, L. R. A. O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em odontologia. Revista da Abeno, v.15, n.1., p. 2-11, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.30979/rev.abeno.v15i1.146>. Acesso em: 25 ago.2020.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.44, n.3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em: 25 ago.2020.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. 4,ed. 2017

Silveira, Sidney Renato et al. O papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido a pandemia do COVID-19. *Setrie Educar Pratica docente*, p.35.

<https://covid.saude.gov.br/>

- <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>
- <https://bnonews.com/index.php/2020/02/the-latest-coronavirus-cases/>
- https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/a-pandemia-de-covid-19_intersecoes-e-desafios-para-a-historia-da-saude-e-do-tempo-presente.pdf